



NÃO PINTCHA

ORGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 5712/5713/5714

BISSAU



Indira Ghandi e Fidel Castro, na abertura da VII Cimeira dos Não-Alinhados, em Nova Deli, vendo-se ao fundo, do lado direito, Yasser Arafat.

PRESIDENTE NA CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS A PAZ E A LIBERDADE SÃO INDISSOCIÁVEIS

Na sua intervenção perante a Conferência dos Não-Alinhados, que decorreu na capital indiana de 7 a 11 do corrente mês, o Presidente João Bernardo Vieira afirmou que a manutenção da paz e da segurança internacional é indissociável da liberdade dos povos e do estrito respeito dos seus legítimos direitos.

Discursando quarta-feira no plenário, cujos trabalhos terminaram ontem, conforme um despacho do nosso enviado especial, João Quintino Teixeira, o Presidente Nino Vieira disse que a plataforma que «o movimento e a sua política independente e dinâmica nos oferece permitem-nos enfrentar melhor as pesadas responsabilidades que nos incumbem na resolução dos árduos problemas do desenvolvimento, na consolidação da nossa independência nacional, na luta para uma nova ordem económica mundial e no indefectível apoio à luta de libertação dos povos oprimidos».

Questões como a nova ordem económica internacional, a situação na América Latina e Central, a independência da Namíbia e o direito do povo palestino a uma pátria, o armamento e as armas nucleares bem como a desmilitarização do Índico preencheram a vasta agenda de trabalhos, dirigidos pela Primeiro-Ministro da Índia, Indira Ghandi, que substituiu o Presidente Fidel Castro, de Cuba, na chefia da Conferência e do Movimento.

Foram apresentados à Conferência dois grandes projectos de resoluções, um político e outro económico. O primeiro aborda a situação na América Central e no Médio Oriente e o segundo preconiza uma transformação completa do sistema monetário existente. (Ler mais notícias nas páginas 7 e 8).

PRIMEIRO-MINISTRO VISITA EUROPA

O camarada Primeiro-Ministro Victor Saúde Maria, inicia amanhã, dia 13, uma visita de amizade e trabalho à Bélgica, Luxemburgo e França, que durará cerca de quinze dias.

Durante a sua permanência na Europa, o chefe do governo guineense discutirá com as autoridades governamentais desses países questões ligadas à materialização da cooperação, além da ajuda que nos poderão conceder para fazer face à situação económica difícil que a Guiné-Bissau atravessa.

Acompanham o camarada Saúde Maria, o camarada Luís Sanca, Secretário de Estado do Plano e da Cooperação Internacional e técnicos do Plano e do Ministério das Finanças que deixaram o país na passada quarta-feira.

DIA DA MULHER COMEMORADO NO PAÍS

O Dia Internacional da Mulher foi comemorado em todo o país, na passada terça-feira, com jornadas de apoio à luta emancipadora da mulher e pela igualdade de direitos de participar, ao lado dos homens, nas tarefas da Reconstrução Nacional.

Em Bissau, os actos centrais incluíram uma palestra alusiva à data, proferida pelo camarada Vasco Cabral, Secretário Permanente do CC do PAIGC e um jantar de confraternização, que reuniu responsáveis da UDEMU e representantes de mandjoandades e senhoras embaixatrizes. O acto, decorrido no 24 de Setembro, foi animado pela actuação da artista Dulce Neves e de um grupo de mandjoandade «Pé de Messa».

DIRIGENTES DO PCUS EM BISSAU

Encontra-se desde anteontem em Bissau, para uma visita de trabalho de cerca de uma semana, uma delegação do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética (P.C.U.S.), composta pelos camaradas Coniaev Nicolai Timoferich e Crishkevich Anatoli Alexandrovich, funcionários dos departamentos do Trabalho e Organização, e de Propaganda do Partido, respectivamente.

Durante a sua permanência no país, a delegação soviética terá contactos com dirigentes do PAIGC.

Por outro lado, chegou no mesmo dia ao nosso país uma outra delegação soviética, conduzida pelo Vice-Ministro da Indústria pesqueira, camarada Kryzhevsky. Esta delegação participa na VI Comissão Mista guineense-soviética que se encontra reunida no salão nobre dos Negócios Estrangeiros.

MESA REDONDA SOBRE CABRAL

Promovido pela Comissão Nacional das comemorações do décimo aniversário do assassinato de Amílcar Cabral, teve lugar na quarta-feira à noite, no Secretariado do Comité Central do PAIGC, em Bissau, uma mesa redonda sobre o pensamento do líder e fundador da nossa nacionalidade guineense.

Durante a mesa redonda foram discutidos temas relacionados com «Cabral e a Unidade Nacional», «Cabral e a utilização do materialismo dialéctico e histórico na elaboração teórica» e «Cabral, classes e a luta de classes».

Participaram os camaradas Vasco Cabral, Secretário Permanente do CC do PAIGC, Manuel Santos (Manecas), suplente do BP e Ministro dos Transportes e Turismo, João Cruz Pinto, do CC do Partido e Ministro da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, o sociólogo Carlos Lopes, Helder Proença, do Secretariado da JAAC, Afonso Té, do Conselho Central da JAAC e o economista Aristides Menezes.

Estiveram igualmente presentes a este acto, o primeiro comandante Buota Nan Batcha, membro do BP e do Conselho da Revolução, a camarada Carmem Pereira, do BP do Partido e Ministro da Saúde e Assuntos Sociais, membros do Comité Central do PAIGC e altos funcionários do aparelho estatal.

Lixo amontoado nos mercados

Camarada Director, pela importância de que se reveste o assunto, gostaria que esta carta fosse publicada na coluna reservada aos leitores.

O propósito é unicamente criticar alguns aspectos negativos do funcionamento dos nossos mercados, em particular o mercado de Bandim, visto ser este o local de trânsito entre a minha casa e a cidade e vice-versa.

No mercado de Bandim, os lixos são amontoados tanto fora como dentro e, lamentavelmente, ao lado dos produtos expostos à venda ao público. Uma outra face, da questão, é a mais inquietante: os vendedores de sumo, com os seus lava copos, provocam charcos de água que depois de alguns dias provocam cheiros desagradáveis que constituem atentado contra a saúde pública.

O mais pasmático em tudo isto é a ausência de urinol, o que motiva que as pessoas optem por procurar um cantinho, mesmo no mercado, para urinar.

Toda esta cena não tem enquadramento possível no estado de pobreza do país.

Para mim só existe uma explicação: desleixo e desorganização.

Na verdade, não teria sentido vermos as ruas completamente limpas e o mercado o seu antítese. Creio que o fundamental não é fazer para o inglês ver, mas partir das necessidades reais.

Antes de terminar gostaria de propor aos camaradas do programa Super-Contacto que convidassem aos microfones da RDN um dos responsáveis pelo mercado, a fim de expôr aos ouvintes os problemas do dia-a-dia naquele local.

Tudo isto deve ser entendido como uma contribuição à causa nacional.

MALAM GOMES

Pedido de correspondência

Jovem guineense deseja corresponder em português, inglês, francês com rapazes e raparigas dos países abaixo citados:

Líbia, Estados Unidos, Etiópia, Dinamarca, Noruega, Angola, Itália e Portugal, para trocas de ideias, postais, fotos e muitos outros assuntos.

Os interessados devem escrever para José da Silva, Av. Pansau Na Ilha Cx. P. n.º 49 — Bissau. Livraria Victória. Ao/c de Albino Sanca.

Gabú: Leão ataca gado e mata 37 vacas

37 vacas foram mortas por um leão na tabanca de Tchanna na Região de Gabu. O facto deu-se na sexta-feira da semana passada, tendo o proprietário dos referidos animais solicitado a ajuda dos responsáveis locais.

Segundo o correspondente da Agência Noticiosa da Guiné, a população da citada tabanca chama a atenção para o perigo que constitui a presença na área deste feroz animal, não só pa-

ra o gado como para as pessoas.

DIA DA MULHER

De acordo com o correspondente da ANG, o camarada Malam Bacai Sanha, Presidente do Comité de Partido e Estado da Região de Gabu, deslocou-se ao sector de Boé à testa de uma delegação, a fim de tomar parte nas comemorações do 8 de Março, dia de solidariedade para com as mulheres.

Durante o encontro de trabalho naquela localidade, aquele responsável abordou temas relacionados com o significado do 8 de Março, as resoluções gerais do recente Congresso das Mulheres da Guiné-Bissau, da participação das mulheres aquando das comemorações do décimo aniversário do assassinato do nosso saudoso líder, o camarada Amílcar Cabral, e dos preparativos do aniversário da proclamação do Estado da Guiné-Bissau.

Canchungo: Superação de enfermeiros

35 enfermeiros das regiões de Cacheu e Oio participaram no seminário de superação para a campanha de vacinação de saúde de base — sarampo, tétano, varíola e paludismo. Este encontro durou três dias, no Cine-Clube de Canchungo sob a orientação do senhor Wallter Deville, especialista em medicina tropical.

Colaboraram na realização desse seminário os responsáveis de saú-

de na Região de Cacheu.

Entretanto, os tribunais de base serão criados na Região de Cacheu, nomeadamente no sector de Caio e secção de Cagecute. O camarada Vicente Monteiro, responsável do círculo judicial para as regiões de Bissau, Biombo e Cacheu abordará ainda com a população local os problemas relacionados com a disputa das bolanhas.

Recorde-se que esse responsável encontra-se desde o mês de Fevereiro na referida zona, para estudar as possibilidades de concretização desse projecto. O referido plano será levado a cabo de acordo com as recomendações emanadas da segunda conferência dos militantes do Partido, que decorreu no mês de Dezembro último, naquela região.

Bissorã: Apoio a repatriados

Para melhor distribuição de matérias foi aberto na sexta-feira passada, em Bissorã, um posto de distribuição de géneros alimentícios pela Cruz Vermelha Nacional aos repatriados provenientes de Casamance (República do Senegal), residentes ac-

tualmente naquele sector.

Antes da distribuição de géneros alimentícios e roupa, o camarada Ernesto Henrique, secretário permanente daquela instituição humanitária e chefe da delegação, ao usar da pala-

vra disse que a ajuda constituía os primeiros socorros aos repatriados e exortou a estes a redobrem esforços, principalmente nas épocas da chuva nos trabalhos da lavoura, para que não haja mais dificuldades na sua reintegração.

Bafatá Encontro de professores

Os professores do Ensino Básico Complementar das regiões de Bafatá, Gabú e da Região Autónoma de Bissau, promoveram um encontro de trabalho para dinamização das actividades escolares no fim da semana passada, no leste do país, concretamente na cidade de Bafatá.

Durante o encontro, os professores debruçaram-se sobre os problemas relacionados com o desenvolvimento do ensino no país, homeadamente a metodologia da consolidação dos sistemas pedagógicos e superação dos professores.

Entretanto, ficou decidido que o próximo encontro será na Região de Quinara, onde a equipa dos professores do Ensino Básico do leste do país beneficiará de uma sessão de trabalho de troca de experiências com o pessoal docente daquela localidade, principalmente com os professores de Dar-Salam.

Tomaram parte nesse encontro, altos funcionários da Escola Salvador Allende de Bissau, do Gabinete de Estudo e Orientação Pedagógica (GEOP), do MEN e do Liceu regional Hoji Ya Henda de Bafatá.

Responde o povo

O pão que nós comemos—como é?

A nossa entrevista de hoje incidiu sobre o pão que nós comemos. Para uns, a base do «mata-bicho» e para outros, o substituto ocasional do arroz. Os entrevistados foram unânimes nas suas declarações no que concerne ao aspecto pouco higiénico que este produto apresenta, além de muitas anomalias que se verificam na venda do mesmo.

Eis as opiniões recolhidas no nosso inquérito sobre o assunto e que transcrevemos na íntegra.

«DESINTERESSE DOS PADEIROS NO ASPECTO HIGIÉNICO»

Quintino Pereira, 31 anos, mecânico-auto «O pão quando é bem tratado constitui uma excelente alimentação. Só que os nossos padeiros fazem muitas anomalias no trato do pão. São, na sua maioria, muito desinteressados no aspecto

higiénico. Verifiquei muitas vezes padeiros sujos, isto é, a suarem dos pés à cabeça, no preparo do pão. Isso não é nada higiénico e constitui uma ameaça à saúde pública, nomeadamente para os consumidores do pão.

Ainda sobre este assunto, tive que deitar muitas vezes os pães comprados ao lixo, por causa do mau cheiro. Is-

so sem contar com bichinhos que abundam dentro dos mesmos. Acho que, quando a farinha tem esses bichinhos ou apresenta um mau cheiro, não se deve processar a sua venda. O Ministério da Saúde deve ver este problema».

AS BIDEIRAS É QUE TÊM DIREITO»

Paula Monteiro, 38 anos, doméstica, residente no Bairro de Calequir «Muitos padeiros não têm respeito pelos clientes. Uma pessoa quer um ou dois pães e não é atendida. Mas o mesmo já não acontece com as «bideiras». Enchem as suas sacolas até não po-

derem mais. E veja que estas coisas acontecem na frente do público que muitas vezes protesta contra estes actos.

O gosto do pão? As vezes os padeiros preparam os pães com muito gosto, mas às vezes também têm um cheiro horrível além de incontáveis bichinhos que se encontram dentro dos mesmos. A gente come esse produto porque não há arroz ou qualquer coisa barata para comprar».

«OS PÃES AS VEZES TÊM MAU CHEIRO»

António Damna, 22 anos, estudante, residen-

te no Bairro de Missira «Inicialmente as padarias preparavam bem o pão. É o caso, por exemplo, das padarias senegalesa, Africana, Cacheu e Djabi.

Os pães são difíceis agora de mastigar, além de apresentarem às vezes um cheiro horrível e bichinhos por dentro. Isso é uma falta de respeito pelo público consumidor, além de constituir uma ameaça à saúde pública. A farinha às vezes apodrece, mas como têm ganância pelo lucro, utilizam-na no fabrico de pães. E admiro muito o facto das autoridades competentes deixarem estas coisas passar.

Até porque tenho a impressão que actualmente, há o hábito de «deixar passar», ninguém se preocupa com nada. Porque senão, vejamos, só um exemplo: as bideiras, com a cumplicidade dos padeiros, compram pães aos montes, para depois os venderem a preços especulativos. E tudo isso se passa no nariz das autoridades competentes. Pelo que sei, é proibido vender os pães, mas isso agora se faz às claras, mesmo o cego vê essas coisas. E o caso flagrante é a Padaria Senegalesa. Quem não acreditar pode ir ver com os próprios olhos».

Enquadramento de militantes da antiga zona zero

Estiveram reuniões no passado sábado, no Secretariado do Comité Central do PAIGC, cerca de cem militantes da clandestinidade da antiga zona zero (Sector Autónomo de Bissau).

Presidido pelo camarada António Borges, do CC do Partido e Presidente do Comité do Partido no Sector Autónomo e na presença do ca-

marada Tiago Aleluia Lopes, do Bureau Político do PAIGC e Presidente da Comissão de Verificação e Controlo. O encontro permitiu a discussão do melhor processo de reenquadramento dos antigos militantes de forma a levá-los a participar nas actividades partidárias.

Entretanto, o camarada Tiago Aleluia Lopes,

numa breve intervenção, acentuou a necessidade de uma participação cada vez mais activa dos militantes nos trabalhos do Partido.

Por sua vez, o camarada Presidente do Partido do Sector Autónomo «SAB» manifestou a disposição do Comité do Partido no sentido de dar todo o apoio possível aos militan-

tes da clandestinidade no processo de reestruturação do PAIGC no SAB.

De salientar que, para além dos camaradas Tiago Aleluia Lopes e António Borges, esteve presente na reunião o camarada Adolfo Julião de Barros, Secretário para Organização do Partido no Sector Autónomo de Bissau.

Judiciária quer agentes

O Ministério da Justiça abriu inscrição para admissão de candidatos a agentes de Polícia Judiciária, num prazo de 15 dias a partir de hoje.

Segundo uma nota enviada à nossa Redacção, os candidatos devem ser guineenses com a idade compreendida entre 18 a 35 anos e possuidores como habilitações mínimas o 3.º ano do Curso Geral dos Liceus ex-5.º ano ou equivalente.

De acordo com a fonte informatória, os candidatos serão submetidos a um teste de nível, que consistirá num exame escrito e numa prova oral, versando matéria de direito, história da África, política e cultura geral.

Por outro lado, os candidatos aprovados frequentarão um curso de formação na Escola da Polícia Judiciária em Portugal.

Entretanto, as provas terão lugar na Escola de Direito em data a anunciar oportunamente, devendo os pedidos de admissão ser feitos em requerimentos dirigidos ao Ministro da Justiça e entregues na Procuradoria-Geral da República. Exige-se os seguintes documentos:

certidão de nascimento, certificado de habilitações literárias, certificado do registo criminal, atestado médico de robustez física.

Ainda de acordo com a nota, serão ministradas algumas aulas prévias de direito, numa data a designar após a reunião com os candidatos.

Centros de alfabetização



O Departamento de Educação de Adultos (DEA) do Ministério da Educação Nacional, prorrogou o prazo do concurso para construção de dois centros de educação de adultos e alfabetização, sendo um no sector de Gabú e outro no de Canchungo.

Recorde-se que o prazo anteriormente anunciado terminou

a 28 de Fevereiro e as empresas de construção civil que desejam participar nesse concurso devem inscrever-se no quadro do projecto do DEA, financiado pela SIDA, Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional, podendo contactar a direcção daquele departamento através do telefone

215639.

Entretanto, as ofertas devem ser enviadas ao DEA, em cartas fechadas devidamente lacradas.

No entanto, segundo o responsável daquele departamento, a prorrogação do prazo, deve-se ao facto de não ter comparecido nenhuma empresa construtora dentro do prazo fixado.

Pedidos de emprego

A partir de agora todos os pedidos de emprego devem ser encaminhados para a Direcção-Geral do Trabalho, de acordo com uma resolução adoptada numa reunião realizada no sábado passado, no Gabinete do Ministro da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, entre a Direcção do Trabalho, o Centro do Instituto Técnico de Formação Profissional e a Secretaria de Estado

do Plano e Cooperação Internacional.

A decisão vem na sequência das resoluções tomadas no Conselho de Ministros, realizado em Julho de 1981.

No entanto, para dar cumprimento a esta decisão, foi marcada uma reunião para o próximo dia 17 do corrente, com os directores-gerais das empresas públicas, de economia mista e responsáveis das empresas privadas.

Coisas que acontecem

Como funcionam os serviços

Alguém já se pôs nas bichas à frente dos serviços com um desses documentos vitais que justificam a existência dos burocratas? Já! E os pareceres que levam umas «luas» a nascer e umas «chuvas» nas gavetas para aleitamento? Sucedeu com todos e está sucedendo. Os serviços burocráticos do país precisam de um «olheiro» mais atento... e não só. Ora vejamos, por exemplo, as «cangalutas» aliás as «quedas» que um documento foi sujeito até ficar congelado no «aleitamento» das gavetas e por fim desaparecer sem deixar rasto.

Os leitores lembram-se das demolições das casas e as expropriações de terrenos para a construção da auto-estrada Bissau-Aeroporto, bem como a «lufa-lufa» das indemnizações a que foram sujeitos os proprietários? As coisas já aconteceram e os camaradas atingidos andaram com as papeladas para cima e para baixo (Brá-Bissau-Brá), isto é, os processos viajaram do Ministério das Obras Públicas para o Comité da Cidade de Bissau e vice-versa. Os pareceres «choveram», os processos empacotados e algumas famílias atingidas foram indemnizadas. Mas, nem todas as famílias tiveram a sorte de serem indemnizadas. Houve um dos processos que teve «acidente» de percurso em terreno de 44 hectares cuja indemnização teria sido avaliada em 2 300 contos. Este processo, lavrado desde início e empilhado com os demais, teve depois umas avarias, foi retardado e, neste momento, os herdeiros do terreno foram informados que o processo desapareceu no circuito. Ainda falta descobrir o local do acidente.

Bem. Um acidente de percurso é sempre um acidente. São coisas que acontecem...

Estrangeiros no País

Os cidadãos estrangeiros residentes no país e que até este momento não regularizaram a sua situação, estão sujeitos a uma sanção da parte das autoridades ligadas ao Departamento Central de Migração.

Segundo informações recolhidas junto àquele departamento, o prazo anteriormente fixado

era de dois meses, a contar do princípio de Janeiro, até fim de Fevereiro. Passada essa data, incorre-se a duras sanções que vão desde uma multa ao repatriamento.

Segundo a nossa fonte de informação esta medida vem de acordo com a legislação vigente no país em caso de estrangeiros.

Criado Conselho de Pais

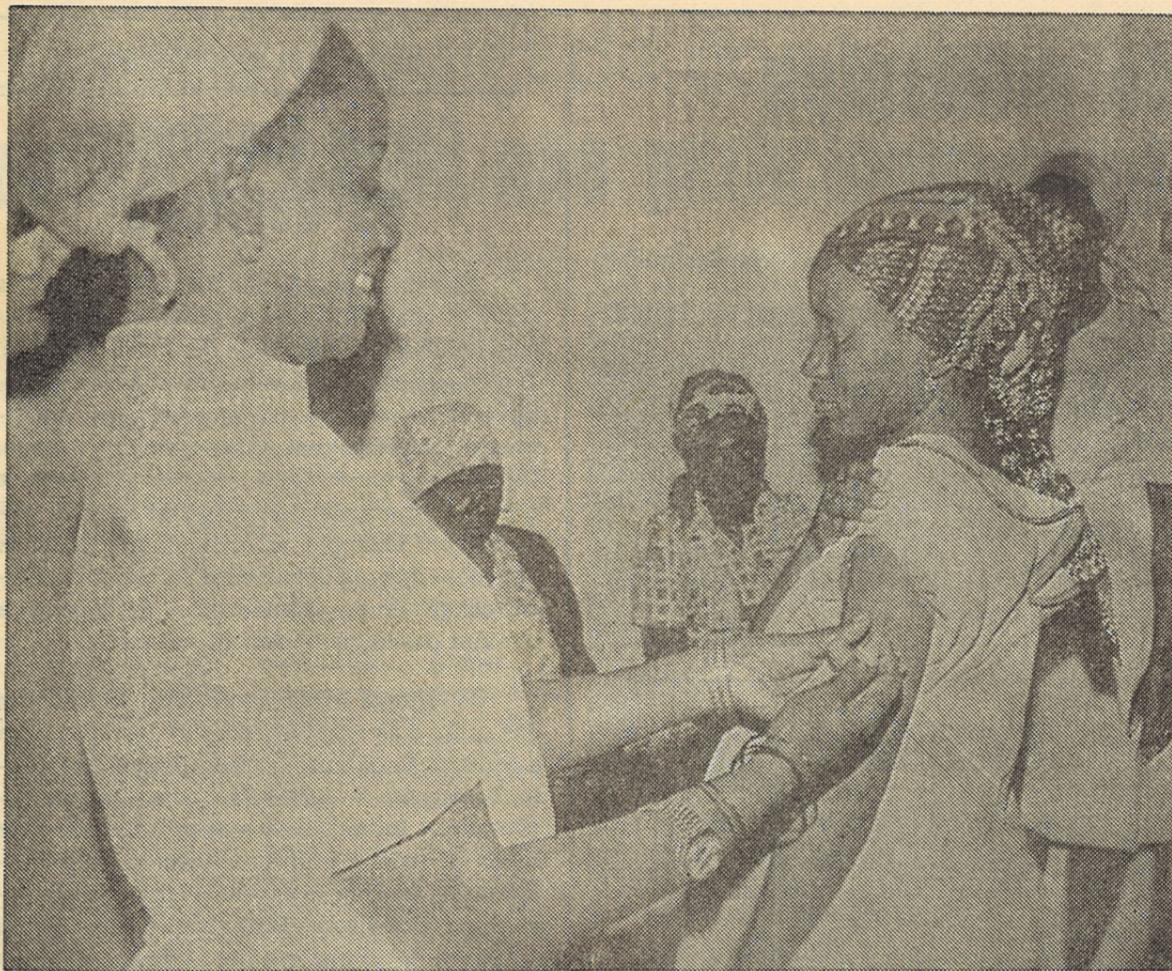
A escola do Ensino Básico Elementar 22 de Novembro criou recentemente um Conselho de pais. A criação do referido órgão foi precedida de uma reunião em que foi explicado aos pais o objectivo e necessidade de tal órgão.

Segundo uma nota enviada à nossa redacção, a criação do Conselho dos pais, vem na sequência de

um apelo lançado pelo titular da pasta de educação, camarada Avito José da Silva, que recomendou a formação de órgãos de apoio à escola de forma a que possam contribuir para um funcionamento cabal das actividades escolares.

De salientar que, numa reunião realizada no sábado passado, foi criado pelo referido Conselho um fun-

ção de assistência, na base de quotização mínima de 20 pesos, que é utilizado para aquisição de artigos escolares e medicamentos, tendo neste momento adquirido vários produtos como aspirinas, antipalúdicos, pomadas oftalmológicas, cápsulas anti-diarréicas e ant micótico e ainda medicamentos de primeiros socorros.



A Mulher hoje na Guiné

Mais de metade da população da Guiné-Bissau é constituída por mulheres e, sem elas, sem sua participação activa, a Revolução dificilmente triunfará. A Reconstrução Nacional não marchará e não seremos capazes de construir a sociedade que ambicionamos: de progresso e justiça social.

O que é a mulher hoje na República da Guiné-Bissau? Que papel desempenha na nossa sociedade?

As nossas mulheres hoje, conhecem a importante tarefa que lhes cabe na nossa terra. Passo a passo vão adquirindo mais consciência, maiores responsabilidades. Caminham ao lado do homem para a sua verdadeira emancipação.

Embora não tenham sido ainda banidos, no nosso país, muitos dos

vícios e das taras da antiga sociedade colonial, embora não tenham sido ainda banidas uma série de práticas retrógradas pertencentes a um estado de desenvolvimento que afecta a capacidade e acção das forças produtivas, a mulher guineense participa hoje em todos os sectores da vida nacional: ela é dirigente do Partido, responsável de vários departamentos estatais, funcionária, operária, jornalista, proprietária, gerindo os seus bens e mesmo nas bolanhas é ela que produz a maior riqueza do país — os produtos agrícolas.

Mas muito há ainda a fazer pela sua emancipação, pela sua dignidade, pelo lugar que verdadeiramente lhe cabe na sociedade. Não basta que as leis do Governo estipulem a igualdade. É necessário que

a mulher conheça e aprenda a conhecer o significado destas leis, aplicá-las e materializá-las na prática quotidiana. Isto implica um esforço grande de cada mulher individualmente e da sua organização — a UDEMU, no sentido de uma transformação profunda das mentalidades.

A camarada Silvina Vaz, secretária nacional permanente da U.D.E.M.U., sublinha sobre a questão que o objectivo desta organização é precisamente fazer com que a mulher compreenda a sua participação na sociedade e no seio da família como mãe e esposa, porque sem a sua participação não há progresso, e ajudá-la a elevar o seu nível cultural e a sua consciência política para que ela se emancipe. «Sabemos, no entanto, que esta luta nos paí-

ses subdesenvolvidos como o nosso, é difícil. Penso que a mulher desde que revele capacidade deve estar presente em todos os ramos», disse Silvina Vaz ao Nô Pintcha.

No campo, é necessário um esforço gigantesco de alfabetização, para possibilitar a mulher noções claras sobre o seu papel na sociedade em construção, sobre a sua responsabilidade na saúde e educação dos seus filhos.

A mulher guineense, participando activamente no processo de transformação da nossa sociedade, tomando parte na luta armada de libertação nacional conduzida pelo PAIGC, ombro a ombro com os seus companheiros e irmãos, foi forjando também a sua emancipação que está directamente ligada à libertação dos povos. Mas isso só não

chega. A mulher emancipa-se pelo seu trabalho, na luta pelo aumento da produção e da produtividade. Emancipa-se pelo estudo, na elevação do seu nível cultural, da sua consciência política. Emancipa-se na medida da emancipação do próprio homem e da sociedade em geral.

Para as mulheres que trabalharam fora de casa, conforme nos diz uma operária (compositora mecânica da INACEP), Teresa Barbosa, embora se sinta economicamente independente (um passo para a emancipação) um factor entrava grandemente a total libertação da mulher: «as cantinas, as creches e jardins infantis são meios que a seu ver o Estado devia por à disposição das mulheres pois, são factores capazes de minorar e suprimir a desigualdade em

relação ao homem. Quando uma mulher que tem todas as regalias, sai de casa preocupada. Pode pensar melhor na produção na vida social e na própria organização. «Por exemplo eu do meu filho aos dados de empreitada e fico muito preocupada no trabalho porque não sei se lhe dá a comida e o que lhe deixo, a horas. Assim, só quando sai do serviço é que vou ao mercado comprar o que quero para o filho».

Hoje temos na Guiné-Bissau jovens que se dedicam à construção civil. Falamos com uma delas. Aminda Costa de 22 anos, solteira sem filho, que é pedreira, profissão geralmente exercida pelo homem. Ela frisou que ingressou nesta actividade porque sentiu-se at

As razões de uma data histórica

8 de Março é um dia consagrado à valorização do papel da mulher na sociedade contemporânea. É um dia em que se recorda a corajosa acção das mulheres norte-americanas, que no século passado, em Chicago, manifestaram-se publicamente, reivindicando os seus direitos. Assim, no Congresso Internacional das Mulheres Socialistas, em 1910, adoptou-se esta data como o Dia Internacional da Mulher e da sua luta emancipadora. Hoje, o 8 de Março é um dia de reflexão e de solidariedade para com todas as mulheres que sofrem ainda na carne a exploração e a opressão.

No dia 8 de Março de 1857, operárias têxteis desciam à rua numa das cidades norte-americanas e reclamavam a redução do horário de trabalho de 16 para 10 horas diárias e exigiam igualmente aumentos de salários.

A esta paralização e ao apelo, em voz alta, à diminuição da exploração de que eram vítimas as operárias americanas, responderam as autoridades a tiro, numa sangrenta repressão, a qual havia de marcar, através dos tempos, a forma brutal como os homens responderam às justas reivindicações de um punhado de corajosas mulheres.

Algumas grevistas foram imoladas pelo fogo no interior das fábricas que os patrões mandaram incendiar...

Estes factos ficariam, contudo, na história do movimento operário, pois, foi a primeira vez que uma luta do género foi desencadeada por mulheres. Mau grado toda a repressão, as operárias têxteis não desistiram e haveriam de sair vitoriosas, porque se mantiveram firmes e unidas.

Passaram-se anos. Em 1910, realizou-se em

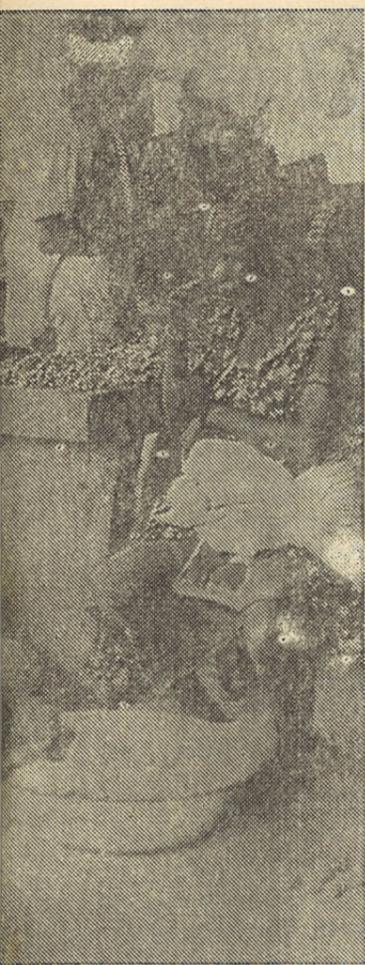
Basileia (Suíça) o Congresso das Mulheres Socialistas, representantes de 36 países, de fazer o dia 8 de Março, dia das pioneiras da emancipação das mulheres, o Dia Internacional da Mulher.

A data viria a ser comemorada em 1911, transformando-se em um elo de solidariedade de fraternidade entre as mulheres.

Nessa altura es

peras da Primeira Guerra Mundial, lançaram um apelo contra a guerra, e mataram, nós devemos lembrar, já em pleno con

Oslo (Noruega) as mu



Iné-Bissau

da e porque «embora mulher, sei que sou capaz de fazer o mesmo trabalho que o homem. Por isso sinto-me plenamente realizada».

Ela ganha o mesmo que um homem da sua categoria profissional. Diz também que uma mulher só não pode realizar o mesmo trabalho que o homem quando está grávida ou depois do parto.

O que pensa das férias do parto de dois meses? — Perguntamos.

«Acho justo — acrescentou — e não é nenhuma diminuição em relação ao homem que trabalha 11 meses no ano, com apenas um mês de férias disciplinares. É um direito que a mulher deve ter».

Uma mulher doméstica que faz os seus pequenos trabalhos, que trata da casa, do marido, da educação dos seus filhos, também po-

de sentir-se emancipada. Domingas Silva não trabalha porque não teve oportunidade de estudar como muitas outras mulheres da nossa terra. Aliás era o que acontecia antigamente. Só os filhos é que iam a escola. As filhas ficavam em casa a aprender a cozinhar e a coser, para um único fim — o casamento.

Domingas precisa que não se sente diminuída em relação à mulher que trabalha, porque ela também de uma maneira ou outra está a participar na Reconstrução Nacional porque, em casa segue atentamente a educação dos filhos, os futuros desta terra.

«Não tenho marido mas sinto-me capaz com força de homem para exercer as funções de chefe de família».

O mesmo acontece com Fausta Sequeira,

proprietária de uma casa de pasto e funcionária da Socomin. Ela trabalha muitas horas por dia, porque, não tendo marido, não quer que nada falte aos seus filhos e netos.

Apesar de todas as dificuldades, sente-se capaz de exercer essas funções. Muitas vezes sente-se desfalecer pois, há um ou outro cliente que a quer desrespeitar. Mas sublinha, «ao mesmo tempo sinto coragem interior que me obriga a continuar a trabalhar e a abrir as portas no dia seguinte. O rendimento é magro mas mesmo assim sinto-me economicamente independente e emancipada e não tenho necessidade de pedir de porta em porta. Penso no entanto que todas as mulheres deviam fazer o mesmo, não desistir porque não têm marido».

contra a guerra mundial. Em 8 de Março de 1917, uma manifestação de mulheres soviéticas reclamando o pão marca o início da Revolução. Em Março de 1937, as mulheres espanholas organizam uma enorme manifestação contra o franquismo.

Em 8 de Março de 1943, as mulheres italianas manifestam-se contra Mussolini e reclamam o fim da guerra e do fascismo. Em Portugal, não obstante a inexistência de liberdade, na altura, o dia 8 de Março foi comemorado em diversas ocasiões e circunstâncias, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, repudiando o regime de Salazar.

Se a mulher conseguiu, nalguns casos, impor à sociedade um limar de arestas conducente à desmarginalização de mais de metade da população mundial, em muitos países ela ainda é vítima de uma dupla exploração do homem e do colonizador.

Riquezas do Mar (2)

O acesso às riquezas marinhas

Entre estes grandes consórcios podem citar-se a Ocean Mining Associates, onde entram a USSteel (americana), a Union Miniere (belga) e a Sun Co (americana).

A Ocean Management Inc agrupa as companhias canadianas, norte-americanas, alemãs ocidentais, assim como o importante grupo japonês DOMCO. Deve-se mencionar ainda a Ocean Minerals Co que agrupa duas companhias norte-americanas, duas holandesas e uma inglesa. Quanto ao consórcio Knenecott Cooper, compõe-se de uma companhia canadiana, três inglesas e uma japonesa (Mitsubishi). A esta lista tem de se acrescentar pela França a Afenord (Associação francesa para o estudo e o reconhecimento dos nódulos polimetálicos), que agrupa o Centro Nacional para a exploração dos oceanos, Comissariado para a energia atómica, a Agência de investigações geológicas e minerais e as sociedades Le Nickel e France Dunkerque.

O ACESSO DO TERCEIRO MUNDO ÀS RIQUEZAS MARINHAS

Mas o Terceiro Mundo — ou, pelo menos, o seu grupo de vanguarda, o famoso grupo dos 77 — reagiu e a Conferência das Nações Unidas sobre o direito do mar, que acabava de começar (1973) consagrou a nova noção segundo a qual o mar era «património comum da humanidade», ao qual todos os países e todos os homens deviam ter acesso.

PRIMEIRAS VITÓRIAS DO TERCEIRO MUNDO

Acabou-se com a prática corrente seguida pelas nações ricas, de pilhagem e exploração incontrôladas dos fundos marinhos. As suas formidáveis frotas de pesca — casos da URSS e do Japão — não podiam continuar a explorar em seu único proveito (por vezes pilhando até à destruição) dos grandes bancos de peixes.

Os povos do Terceiro Mundo conseguiram que lhes reconhecessem o direito de acesso às diversas riquezas oceânicas e à sua exploração.

QUANDO A «AUTORIDADE» APARECE

Com o decorrer das sessões, o velho direito do mar foi despedaçado e desapareceu. Os Estados costeiros puderam alargar até 12 milhas marítimas (um pouco mais de 22 Km), as suas águas territoriais, enquanto lhes era atribuída posse exclusiva dos diversos recursos marinhos (água, fundos e subsolo) até uma distância de 200 milhas marítimas (370

Km.). Nesta «Zona Económica Exclusiva», os Estados costeiros reservam-se o direito de regular a investigação científica e a passagem de certos navios «perigosos» ou barcos de propulsão nuclear.

AS ZONAS ECONÓMICAS EXCLUSIVAS NO MUNDO

Estas limitações do direito clássico de livre navegação sobre todos os mares e oceanos foram vivamente contestadas (sem resultado) pela U.R.S.S. e pelos EUA e para a delimitação das zonas económicas exclusivas, sempre que elas se cruzavam com a definição dos princípios demorou a acordar.

Por outro lado, foi admitido que os países sem acesso ao mar ou nitidamente desfavorecidos pela pouca amplitude das suas costas teriam direito a participar «de forma equilibrada» na exploração dos excedentes dos recursos biológicos nas zonas económicas dos Estados costeiros da mesma região, isto feito por acordos que terão em conta os diversos aspectos de situações já existentes.

Segundo o esquema, os grandes fundos marinhos, situados para além das «zonas económicas exclusivas» pertencem a cada Estado costeiro, e designados sob o nome de «zona», tornavam-se propriedade da «Autoridade internacional dos fundos marinhos» (genericamente designada pela palavra «Autoridade») agrupando todos os países signatários da Convenção do Direito do Mar.

zas? Se se quisesse reter bem a definição segundo a qual o mar é «o património comum da humanidade», a resposta não oferecia quaisquer dúvidas. Mas não se podia esquecer o outro aspecto importante do tema, a saber, que só as grandes potências industriais se podiam lançar nesta exploração porque só elas possuíam a tecnologia necessária assim como as capacidades financeiras para suportar essas iniciativas; para além do mais, elas já tinham investido nos projectos centenas de milhões de dólares.

O inevitável compromisso era então fácil de prever: os países industrializados encarregavam-se da exploração dos fundos de toda a humanidade, mas prioritariamente para o benefício dos países em vias de desenvolvimento depois de terem, está claro, retirado para si uma parte destas riquezas.

A nona sessão da Terceira Conferência (que havia terminado em 29 de Agosto de 1980) conseguiu elaborar o esquema da exploração dos grandes fundos marinhos — esquema que ficou para ratificação pela comunidade internacional.

Segundo o esquema, os grandes fundos marinhos, situados para além das «zonas económicas exclusivas» pertencem a cada Estado costeiro, e designados sob o nome de «zona», tornavam-se propriedade da «Autoridade internacional dos fundos marinhos» (genericamente designada pela palavra «Autoridade») agrupando todos os países signatários da Convenção do Direito do Mar.

Polémica à volta de competições Africanas

Benfica e Ajuda não participam por negligência

— Afirma Secretário da Juventude e Desportos

A chegada à cidade de Bissau, da formação do Stade Malien (Mal), adversário do Ajuda Sport, na Taça Africana dos Vencedores das Taças, funcionou como uma bomba e criou, no meio futebolístico, uma enorme expectativa. A Federação, de reunião em reunião, decidiu, no passado sábado, que se efectuariam dois jogos amigáveis para colmatar a lacuna porque o encontro da Taça das Taças não se podia realizar por desistência das equipas guineenses.

Os telefonemas «choveram» para anular os jogos do nacional de futebol em Bissau, assim como, o encontro Farim-Sporting, pois esta última equipa tinha sido escolhida juntamente com o Ajuda Sport, para os tais jogos amigáveis com o Stade Malien. No entanto, os leoninos rejeitaram o pedido, tendo sido a UDIB chamada a última de hora. Por outro lado, o encontro Ténis-Bissorã, inicialmente previsto para sábado à noite, foi adiado para a tarde de domingo. Porém, o Atlético de Bissorã apresentar-se-ia, em Bissau, no sábado à noite regressando na mesma noite. Teriam sido avisado sobre o adiamento da partida? A Federação afirma que sim.

As gestões principais (erros ou lapsos) conver-

gem para a Secretaria, Federação e as equipas guineenses com direito à campanha futebolística africana (Benfica e Ajuda). Pois o Stade Malien «caiu do céu», na sexta-feira passada, levantando celeuma e fazendo tremor toda uma estrutura que evidencia fragilidade em vários sectores, entre os quais se destacam desencontro de informações e o trabalho da Federação, para todos os efeitos, realizado em «part-time». Os seus membros são na sua maioria funcionários de outros departamentos estatais, ocupados com outros assuntos, razão porque não podem dar toda a sua atenção ao futebol.

Com o Stade Malien surgiram dois argumentos na tentativa de explicar as razões da não participação das nossas



Secretário de Estado da Juventude e Desportos

equipas nas competições africanas. Uma sustentava convicto que, por decisão superior, foi cancelada a participação do Benfica e do Ajuda devido à dificuldades económicas. A outra, baseava a sua afirmação na falta de inscrições, na CAF, dos jogadores que evoluem nas respectivas equipas. Enquanto isso, os órgãos de informação «dançavam, para cá e para lá» já que por razões desconhecidas não houve nenhum comunicado oficial da parte dos

responsáveis competentes sobre a questão. Entramos em contacto com o Secretário de Estado da Juventude e Desporto, camarada Adelino Nunes Correia que nos diria: «Mesmo que os camaradas não viessem ter connosco, já era nossa intenção informar ao público a razão porque as equipas não participam este ano nas competições africanas. Devido ao compromisso que assumimos perante as equipas — disse Adelino Nunes Correia —

engajamos condicionalmente a Guiné-Bissau nas competições ao nível de clubes africanos organizados pela CAF, enviando uma lista dos jogadores do Benfica e do Ajuda Sport. No entanto, era necessário cumprir outros formalismos para as inscrições definitivas, nomeadamente licenças dos jogadores e inspecção médica». Segundo ainda a personalidade máxima do desporto nacional, o Ajuda e o Benfica não cumpriram estas determinações e as inscrições junto a CAF não se verificaram. A comprovar a sua afirmação mostrou-nos um telegrama da CAF datado do mês de Fevereiro onde aquele organismo solicitava o envio de licenças dos jogadores do Ajuda e Benfica sem as quais não poderiam jogar.

O camarada Adelino realçaria mais uma vez: «Não é por questões de ordens económicas que o Benfica e o Ajuda não participam nas competições da CAF, mas sim, por negligência dos mesmos. Dada a situação que isso gerou enviámos um telegrama à CAF on-

de manifestamos a nossa desistência». Porém, a chegada da caravana maliana deixa supor que o referido telegrama não chegou a tempo e horas...

O regulamento da Taça dos Campeões e dos Vencedores das Taças prevê, em caso de falta de comparação, uma multa no valor de 600 dólares à equipa faltosa e pelo facto a seguinte questão não se fez esperar: A negligência foi — segundo a explicação do camarada — dos clubes em causa. Neste caso quais serão as sanções aplicáveis aos mesmos já que o regulamento da Federação não prevê situações análogas?

«De momento — Replica o Secretário da Juventude e Desporto — não posso responder. aguardo as informações da Federação e só depois tomaremos medidas concretas».

No referente a Taça UFOA, a UDIB já cumpriu todas os formulários necessários informou o Secretário de Estado. Numa das próximas edições, contamos apresentar uma entrevista mais vasta com o camarada Adelino Nunes Correia.

Torneio Inter-Atlântico de ténis

Tony Davyes bison

A final de ténis da categoria de seniores A, disputada no sábado passado no «court» da Dicol, marcou o encerramento do segundo torneio Inter-Atlântico, organizado pela Escola Central de Lawn Ténis de Bissau (ECLTB), com o patrocínio da embaixada dos EUA no nosso país.

Foi um jogo de sentido único, que se reflectiu no próprio resultado (6-1, 6-1) favorável a Toni Davyes, cuja maturidade técnico-táctica triunfou sobre o jogo algo frustrante de Cadú Ferreira, que neste encontro não nos mostrou as suas reais potencialidades.

Vencedor da primeira edição (82) do torneio Inter-Atlântico, Toni Davyes revelou muitos progressos, em particular na variedade de golpes, embora o seu segundo «bolar» permaneça ainda inseguro. Quanto a Cadú, dono de

uma excelente resposta de «serviço», deu-nos a impressão de uma certa insuficiência física, aliada a igual fragilidade moral, que lhe impede — como já sucedeu no torneio do aniversário da ECLTB — de jogar tudo aquilo que sabe nas grandes ocasiões.

A arbitragem de Laka Paralta foi razoável. Melhor não podia ser, pois, faltou-lhe uma cadeira apropriada, sem falar no terrível calor que fazia. A partida entre Toni Davyes e Cadú Ferreira teve muita assistência,

na sua maioria convidados, entre os quais o camarada Primeiro-Ministro, Víctor Saúde Maria, um praticante da modalidade, assim como o ministro dos Transportes e Turismo, Manuel Santos (Manecas), presidente da ECLTB.

Os vencedores (e não só) do segundo torneio Inter-Atlântico, em que participaram cerca de 105 tenistas, receberam os prémios das mãos do embaixador norte americano Peter John de Vos e sua esposa Nancy, na presença do professor

Nuna Oliveira, director-técnico da ECLTB, qualificado merecidamente de «símbolo do ténis» da Guiné-Bissau pelo patrocínio do torneio.

Eis a lista completa dos vencedores de todas as categorias: seniores A — Toni Davyes; seniores B — Claus Sorensen; singulares sociais — Fernando Jorge; pares sociais — Nino Vieira/Cadú Ferreira; juniores — Hirondino; cadetes — Yens Sorensen; senhoras — Sofia; infantis misto — Dionísio.

Tenistas portugueses em Bissau

Os tenistas portugueses Manecas e Luis Sousa encontram-se em Bissau desde ontem para participar num torneio da modalidade a ser promovido pela Escola Lawn Ténis com vista a preparação dos tenistas guineenses para a

competição sub-regional da zona desportiva número dois do Conselho Superior do Desporto em África a desenrolar em Cabo Verde de 20 a 30 de Abril próximo.

Facto curioso é que os manos Sousa iniciaram a carreira de tenistas em

Bissau sob a orientação do professor da Escola Lawn Ténis, Nuna Oliveira. De salientar que esta é a segunda vez que os tenistas portugueses se deslocam ao país para contribuir na preparação e superação dos atletas guineenses.

Direcção leonina em dificuldades

A equipa do Sporting foi convidada pela Federação para defrontar em jogo amigável o Stade Malien. Depois do convite ter sido aceite pelo Presidente leonino, a cúpula sportinguista, em reunião urgente, rejeitaria a proposta da Federação que por sua vez teve que recorrer, em tempo recorde, à compreensão da UDIB.

«Concordei que o Sporting representasse o futebol nacional, participando no jogo amigável devido à situação que se vivia e porque achei oportuno, correcto e porque milito por um desporto que não visa o clubismo — declarou-nos António Pinheiro, Presidente do Sporting Clube de Bissau.

Depois da anuência daquele dirigente sportinguista, gerou-se à volta do mesmo um clima quente relativo as suas atribuições, de tal modo que foram afectuadas duas reuniões da direcção leonina.

«Na segunda reunião, os membros da direcção votaram na sua quase totalidade contra a participação da equipa no jogo particular» — frisou António Pinheiro, para acrescentar que surgiu um problema interno que será resolvido pelos leoninos. Sem especificar que género de problemas afirmou que «não quero atacar nenhum dirigente porque trabalhamos em regime colegial e o meu intuito foi salvar qualquer coisa».

«A Federação é de todos nós — disse a terminar — e ela não tem estruturas ou o mínimo de condições para trabalhar. Para mim acho que algo vai mal no desporto nacional e seria oportuno um colóquio».

bambaram

SUPLEMENTO CULTURAL

● N.º 15

● 12/3/83

Nô Pintcha

Fula e Mandinga são temas de seminário sobre linguística

O seminário sobre as línguas mais faladas na costa ocidental africana, nomeadamente o mandinga e o fula, teve início na passada quarta-feira, na Sede do Partido, em Bissau. O objectivo deste projecto denominado «MAPE» (Manding et Peulh) para além da formação e harmonização de línguas mandinga e fula, visa um apoio técnico à equipa da Guiné-Bissau, no quadro do mesmo projecto, para futuramente serem introduzidas no sistema educativo da nossa sub-região africana.

O linguista Malafi Dramé, técnico do CLAD (CENTRO LINGÜÍSTICO APLICADO DE DAKAR), que agora orienta o seminário, fez um balanço positivo da importância desta iniciativa, porque, segundo ele, «ficou observado que somente 25 por cento dos africanos sabem falar e escrever as línguas estrangeiras nomeadamente das ex-potências colonizadoras».

«A alfabetização nas línguas africanas — prossegue o orador — será mais económica para além de constituir uma das bases para a materialização da unidade africana. E é precisamente isso que os colonizadores não queriam, por isso utilizavam a velha fórmula de que a língua africana não tem palavras científicas. Mas a prática demonstrou o contrário, porque as línguas hoje mundialmente famosas, nomeadamente, o francês, o espanhol, o português e as demais outras línguas, eram consideradas pelos romanos como sendo «bárbaras» ou seja, atrasadas».

Actualmente, os adeptos dessas ideias ultrapassadas «querem fazer-nos acreditar que seríamos muito mais atrasados no ano 2000 se optarmos pelas nossas línguas no nosso sistema educativo», acrescentou o senhor Malafi, a concluir.

Entretanto, saliente-se que, o seminário decorre de 9 a 18 do corrente mês.

O papel das línguas crioulas

Uma palestra intitulada, «papel das línguas crioulas na formação de novas nações» efectuou-se na passada segunda-feira, na Sede do Partido em Bissau. O tema, que foi proferido pelo professor e sociolinguista Ulrich Fleishmann, da Universidade de Berlim, incidiu sobre vários aspectos inerentes às línguas crioulas. Na sua exposição sobre este tema, Ulrich realçou a influência do latim na formação de outras línguas e comparou-o a uma árvore sendo o francês, o espanhol e o português as suas ramificações,

«Vocês devem orgulhar-se de possuir uma língua crioula», comentou a dado passo da sua intervenção Ulrich Fleishmann, para em seguida considerar que a classe média francesa foi a força motriz na expansão da língua, fenómeno este que se verificou com maior incidência depois da revolução francesa.

Interrogado do motivo porque muitas palavras portuguesas se encontram em muitas línguas crioulas diferentes, aquele sociolinguista explicou que isto se deve em parte ao afluxo expansionista português no século XV que tocou em todos os territórios que hoje constituem as diferentes nações. Uma das perguntas pertinentes que dominou a sessão é a de como surgiu o crioulo na Guiné-Bissau. Esta questão gerou polémicas e teve várias interpretações convergentes no seio dos seminaristas.

Houve quem interpretou o facto (o surgimento do crioulo na Guiné-Bissau) como consequência directa da tentativa dos primeiros assimilados guineenses em servirem de «intérpretes» entre os comerciantes portugueses e a população local.

Por outro lado, um dos seminaristas considerou que este factor se deve à tardia implantação das escolas na então chamada «Guiné Portuguesa», pois a construção das mesmas só se verificou nos meados do século XX.

Saliente-se que este seminário é promovido pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, através do apoio da Direcção-Geral da Cultura, do Ministério da Informação e Cultura.

O Bambaram conta apresentar na sua próxima edição uma entrevista com o professor Fleishmann da República Democrática Alemã.

Concurso de desenho

São convidados todos os artistas nacionais, a participarem num concurso de desenho, que se realiza em Havana (Cuba), em saudação ao 30.º Aniversário do Assalto ao Quartel de Moncada. Todos os trabalhos feitos, devem ser entregues até ao dia 15 de Abril, na Casa da Cultura em Bissau. Informações respeitantes ao concurso, podem ser obtidas no referido local.

Leia hoje

Poemas

de

A. Regalla

●

O organismo

humano

é povoado

por milhões

de micróbios

●

O continente

azul



Da informação não verbal à informação verbal (centrais)

Quanto mais a criança cresce, os seus contactos com o mundo familiar vão diminuindo paralelamente.

É preciso, portanto, que ela encontre cada vez mais nas suas próprias forças a protecção necessária. A informação sexual é-lhe cada vez mais necessária e deve passar duma simples forma não verbal ou seja da observação, a uma informação verbal.

Assim, os fenómenos da reprodução encontram-se sem dúvida entre as primeiras curiosidades da criança nesta fase; a criança dará conta, sozinha,

que terá de perguntar; «mas como é que o néné foi para dentro da barriga da mama»? Limite-me a citar o que André Berge, célebre psicólogo diz no seu livro *L'educatin sexuelle et affective*.

«É mais ou menos como o que se passa com as sementes que estão na terra e que, a pouco e pouco, dão origem às plantas. Esta plantazinha levará nove meses a desenvolver-se».

Mas, mais tarde, a lógica da criança tornar-se-á mais exigente: «Mas, donde é que essa semente vem?» — Transcrevo: «Tu sabes muito bem», responder-se-á, «que uma criança tem sempre um pai

e femininas — espermatozóide e óvulo — se encontram, e pode haver obstáculos voluntários e involuntários ao seu encontro. Torna-se assim, necessário, explicar o mecanismo da «postura» mensal do óvulo, que se dirige durante vários dias, para a saída, passando pelas trompas do falópio e pelo útero, em cuja parede se fixará, em caso de fecundação. É altura de informar o rapaz sobre o fenómeno da menstruação da adolescente, que por seu lado já terá sido avisado a este respeito com a finalidade de prepará-la para o seu próprio destino. Não vá a rapariga, de modo algum, ficar surpreen-

— Por
Alexandra Lopes

DA INFORMAÇÃO NÃO VERBAL À INFORMAÇÃO VERBAL

de que o «Néné está na barriga da mãã», e o educador terá, numa 1.^a fase, que intervir para lhe explicar que há na barriga da mãe uma pequena bolsa especial para que o néné possa desenvolver-se lá dentro, bem abrigado, enquanto não for suficientemente forte para afrontar a vida. Mas, a criança irá certamente e como é natural, perguntar: — Como é que sai de lá? Numa pequena ilustração o educador ou a mãe fará uma pequena distinção entre a postura do ovo duma galinha com casca e destinado a ser ainda chocado cá fora, da de um mamífero que chega vivo, fora do ovo que ele já furou para nascer. O ovo humano foi chocado lá dentro antes de ser posto, ao contrário do ovo do pintaíno.

Mas, a criança poderá exigir ainda mais informações anatómicas, segundo a sua maneira de pensar e a sua idade. Não há, no entanto, motivos para a recusa. Não será muito difícil dizer-lhe que entre a uretra, reduzida a dimensões ínfimas na mulher e a extremidade do tubo digestivo, semelhante nos dois sexos, se abre o canal exclusivamente feminino pelo qual se processará o nascimento. Mas é certo que a curiosidade não irá ficar por aí e dia virá em

e uma mãe — e de facto, ambos são precisos para formarem essa semente». Numa 1.^a fase esta resposta será suficiente.

A medida que se vai processando o desenvolvimento do indivíduo, as suas necessidades intelectuais aumentam. A inteligência da criança torna-se mais madura e reflexiva e ela não pode fugir a certos problemas que, de resto, irá talvez resolver independentemente de nós. Na fase anterior a criança encontra-se sobretudo preocupada em saber a sua origem, mas agora chegámos a uma encruzilhada, chegámos a uma 2.^a fase da sua exploração, o interesse que ela tem para este assunto torna-se mais pessoal e afectivo. Avançamos num terreno mais delicado.

Nesta 2.^a fase, a criança começa a preocupar-se com o que se refere ao próprio exercício da sexualidade: «Como é que os pais formam esta semente?» «As relações sexuais dão sempre lugar à procriação?» «Como é que pode haver mães solteiras e casais que não têm filhos?». Sobre todos estes pontos, temos de responder com honestidade: A procriação só se processa quando as células masculinas

se unem com o aparecimento da sua 1.^a menstruação (como tantas vezes acontece) sem a esperar e sem conhecer o significado deste fenómeno, do mesmo modo que o rapaz não deve ter razões para se preocupar com as suas primeiras ejaculações nocturnas.

Como e quando começar as informações sobre os problemas do sexo?

É, sobretudo, a criança, que com as suas perguntas e curiosidades, guiam a nossa missão de informadores. Por outro lado, quando se se encontram em circunstâncias muito particulares, em que a criança parece guardar silêncio e não manifesta qualquer interesse pelo assunto, é evidente que não se pode deixá-la (a criança) fora dum acontecimento tão considerável e, então, é preciso saber provocar. A informação deve processar-se duma forma natural, para não deixar supor muito mais coisa do que aquelas que ela diz. O que é simples, preciso e concreto, perturba menos do que é confuso, embaraçado e carregado de emoção. Não há razão para confidências. Uma informação feita pessoalmente e de viva voz, é mais preferível e resolve o inconveniente dos livros explicativos que alguns pais dão aos seus filhos.

Se a informação tem a sua importância, a confiança tem mais. Aqui convém referir a importância da atitude dos pais face às perguntas. Não deve haver motivos para uma resposta como a pergunta daquela netinha sobre o nascimento dos bebés que recebeu uma magnífico par de bofetadas: «Uma menina bem educada não deve falar dessas coisas!» Por outro lado, o silêncio, as reticências, as explicações obscuras são também processos muito perigosos, que devem ser evitados a todo o custo.

Do mesmo modo, deve-se evitar a inculcação da moral puramente negativa, que mais não seria senão um reflexo das próprias atitudes do educador sobre estas questões. O que a criança precisa é a possibilidade de compreender a sexualidade, não apenas no plano intelectual e afectivo, mas também num plano moral positivo.

Quando e em que idade abordar este assunto? Existe todo o interesse em começar a educação sexual o mais cedo possível, sem termos de considerar qualquer limite de idade. Pois, a criança, vive no mundo em que a sexualidade está sempre presente manifesta ou escondida.

As informações verbais, as palavras que utilizamos devem estar de acordo com a idade da criança com o seu desenvolvimento intelectual.

A medida que a criança cresce, vai reclamando um vocabulário mais científico, em detrimento do emprego das formas infantis. A verdadeira sabedoria consiste em respondermos no dia a dia, sem irmos mais longe do que a criança pede, quando muito adiando as respostas durante algumas horas para termos tempo de encontrar as melhores fórmulas explicativas, quando somos apanhados de surpresa.

A criança adquiriu, portanto, em sua casa, essencial daquilo que pode saber sobre a sexualidade. Quando a família tiver desempenhado convenientemente o seu papel, nada impede que se dada na escola uma informação mais científica. Resta-lhe ordenar, os seus conhecimentos e de certo modo integrá-los na sua vida social. A escola passa a ser assim um lugar ideal para este empreendimento. Em todos os campos é a ela que cabe a missão



de dispensar este conhecimento científico. Mas, o principal problema que aqui se coloca é o da preparação do pessoal docente para esta nova tarefa, porque a formação do professor aqui, mais do que em todos os outros domínios, deve revestir-se de um aspecto psicológico, afectivo e moral, ultrapassando em importância o aspecto puramente científico. A grande regra a ser observada seria, logo de início, não deixar que tais assuntos, sejam tratados por pessoas que sofrem de frustrações neste campo. Pelo contrário, os educadores, devem eles próprios ter uma efectividade e confiança bem adap-

ERBAL

tadas, para ajudarem os alunos, por seu turno, a adquirirem uma afectividade também bem adaptada.

Não seria necessário discutir o estabelecimento dum programa próprio para esta educação (sexual), mas sim, das modalidades do ensino. Esse ensino deveria, a princípio, possuir um triplo objectivo:

1.º — Dar uma informação precisa, simultaneamente biológica, anatómica e fisiológica.

2.º — Fornecer em tempo oportuno rudimentos de higiene no domínio genital.

3.º — Estudar os problemas da moral sociológica que a sexualidade põe.

Em princípio, estes três objectivos não caberiam às mesmas disciplinas: O primeiro é, evidentemente, com o professor de Ciências Naturais, e o segundo, com o professor de Ciências Naturais ou médico escolar habilitado neste assunto, o último, ou seja, o terceiro, caberia tanto ao professor de filosofia, como da moral sociológica. Os requisitos e as questões a serem abordadas seriam convenientemente planificados pelo próprio professor.

Muito embora reconhecendo as particularidades que existem entre os alunos, no que diz respeito ao seu meio familiar, conhecimentos e experiências sobre os problemas sexuais, a escola seria um meio eficaz e indispensável para a nívelação e socialização destes conhecimentos.

O problemas da informação sexual científica nas escolas remete-nos, em última instância, para os problemas da coeducação mas que, por uma questão de espaço, não posso abordar aqui.

Para terminar, pois muito ficou ainda por dizer sobre a educação sexual, pergunto: Adiar a educação sexual para quando? De quem deve partir esta iniciativa? Da família? Encarregados de educação? Entidades particulares? Do Ministério da Educação Nacional? Olhai a quantas situações perigosas a que não se encontram expostas as nossas crianças e os nossos jovens por falta duma informação sexual: — Desde o encontro inesperado com os exibicionistas sexuais, conduzindo a experiências infelizes e traumatizantes até à procura de informações em fontes nada aconselháveis. — Desde as primeiras tentativas masturbatórias e brincadeiras sexuais com os companheiros, o flirt, até ao risco duma gravidez precoce.

Por isso, é preciso compreender bem que, se a educação sexual não consiste em combater incessantemente um instinto normal, não deixa de existir para o educador uma antinomia a resolver; já que, deve, por um lado, permitir que o instinto sexual evolua naturalmente para a maturidade e, por outro, ter o cuidado de o impedir de se manifestar dum modo precoce e incompatível com as exigências sociais.

Reconheço, contudo, que no nosso País, a possibilidade duma educação sexual nas escolas é uma questão bastante ambiciosa, mas que, nem por isso, devemos prescindir.

KANSALA (3)

• Carlos Calado

UM PROJECTO DE PESQUISA

A destruição da Kansala é, para além da destruição de um modo de vida social materializado no Império do Gabú, a consequência histórica da luta ideológica travada, desde o século VIII, entre os animistas e os muçulmanos. Os primeiros, que eram os tradicionais «donos do chão», desenvolviam, a par da sua religião conservadora, um estilo de vida económica igualmente conservador, assente numa agricultura neolitizada, estruturada na base da aldeia comunitária, e cuja responsabilidade moral e política dependia da família patriarcal e do conselho de tabanca. Os segundos traziam por seu lado, a par de uma religião inovadora do ponto de vista da codificação dos usos e costumes, um outro estilo económico, assente no comércio e já dependente, do ponto de vista institucional e político, das castas artesanais que produziam o grosso da mercadoria exportável e, também, das elites mercantis que começaram a erguer vilas e mercados, provocando o êxodo dos campos e instalando na região o conceito de classe monopolizadora (do comércio, neste caso) o que, como consequência a longo prazo, traria a desagregação da estrutura interna da sociedade africana sedentarizada.

Este processo de evolução da sociedade agropastoril para a sociedade feudal e mercantil foi, em África, quase sempre acompanhado do processo de Islamização; exceptua-se o caso do Egipto, cujas estruturas sociais já tinham amadurecido antes do apogeu árabe, sem que contudo a sua cultura e técnicas tivessem irradiado do vale do Nilo para o interior negro, a não ser para a zona do Sudão, onde mesmo assim a agricultura chega com quase dois mil anos de atraso em relação ao próprio Egipto, e mantendo-se nessa transmissão cultural uma grande reserva quanto ao nível tecnológico, pois, por exemplo, as técnicas do uso do ferro foram retidas por longo tempo no vale do Nilo e sociedades limítrofes, atingindo o Sudão só muito lentamente, demorando cerca de dois a três mil anos a espalhar-se pela cintura sudanesa.

São exactamente os Árabes, estranhos África e às suas gentes, que vêm operar no continente a transformação social em direcção a um modo de produção mercantil e feudal. E, nisto, teve uma relevante importância a doutrina do profeta Maomé que, para além de unir religiosamente o povo árabe, «lertou» verdadeiramente o mercador para a sua missão internacionalista. Os rios da Península Arábica — o Jordão, o Tigre e o Eufrates — tinham os seus vales apinhados de gente que se acotovelava em guerras cada vez mais ardentes pela posse de um pedaço de terra fértil para a agricultura. Em volta, tudo era deserto e desolação, com os gados morrendo à míngua por falta de prados. As tribos ainda nómadas que pululavam pelo deserto, as quais nem sequer possuíam força militar para conquistar um pedaço de terra às tribos de agricultores sedentarizados, nada mais restava do que uma constante pilhagem aos celeiros e aos currais dos povos agricultores, sobrevivendo assim à reve-

lia, numa mística económica e moral baseada no ataque de surpresa e no roubo permanente. E é pois neste ponto que a psicologia e a mentalidade de Maomé se revelam historicamente oportunas, incentivando essas tribos a desempenharem o papel económico de intermediários para as trocas internacionais. Maomé sente perfeitamente que a troca simples, verificada no interior da península arábica, já está completamente ultrapassada. As sociedades de agricultores estão agora capazes de produzir, a um ritmo cada vez mais veloz, um sem número de artigos artesanais cada vez mais perfeitos e necessários. No livro que assume a doutrina do profeta — o Corão — fazem-se constante referências ao mercador: ele é encarado como um semi-profeta, abnegado e altruísta, que é capaz de cruzar os desertos para transportar, dumas sociedades para as outras, aquilo que os outros têm, em troca por aquilo que se tem a mais. Admite-se-lhe o lucro, mesmo quando é excessivo, como paga terreno por esse sacrifício de isolamento para quem, como o mercador, passa a vida nas areias quentes do Sinai ou do Afeganistão com as mercadorias em cima dos seus camelos. É dentro desta mística que se gera o comércio internacional, feito inicialmente dos vales dos rios Tigre e Eufrates para as comunidades agrícolas sedentarizadas nas margens do golfo Pérsico, mas que depressa se estende até à Índia, às comunidades sedentarizadas nos vales dos rios Indo e Ganges, e para ocidente, cruzando o Suez, para as comunidades do vale do Nilo. Com esta unificação em torno do ideal do comércio, Maomé visa um duplo e benéfico objectivo para o seu povo: por um lado, diminui o volume e a constância dos ataques e das rapinas, o que empresta maior tranquilidade ao quotidiano de trabalho do camponês e, por outro, cria uma nova ocupação ao nómada que, por falta de terra e de poder para conquistá-la, se achava desmobilizado do processo produtivo agrícola.

Maomé morreu mas a geografia fez o resto. Acentuava-se a aridez dos desertos e, paralelamente, os vales dos rios conheciam uma explosão demográfica séria motivada pelo relativo êxito e segurança da vida agrícola. Em consequência disso, mais gentes se encontram sem modo de vida e sem espaço vital — e é a vida mercantil que ganha novos e voluntários adeptos. O que Maomé vislumbrara como possível tornar-se, a pouco e pouco, uma necessidade. Os pequenos reinos tribais sentem-se ultrapassados quer na sua pequenez ideológica pagão quer na sua psicologia política de defesa territorial. Os mercadores invadem tudo, trazem coisas novas e ideias frescas, do outro lado, do manto de areia. Todos erguem as costas do trabalho e fazem um intervalo para apreciar os panos ou as braceletes que outros fabricaram e que o «djila» lhes traz no seu camelo. Cria-se inclusivamente em muitas almas o desejo de aventuras similares e, a partir de então, a sociedade dos agricultores sedentários não mais pode prescindir desse contacto regular, feito através do comércio, com outros sedentários que viviam por vezes a milhares de quilómetros de distância. A uni-los, só têm o mercador e o seu camelo.

A pouco e pouco desmantelam-se as estruturas sociais tradicionais. Os pequenos reinos desaparecem e a Arábia aparece unificada num grande Califado cujo nervo económico é o comércio que une os seus longínquos centros produtivos. Ideologicamente, o paganismo tribal e estreito dá lugar a uma visão de conjunto, que ultrapassa as velhas almas do mesmo modo que cruza as vastidões de areia, e no qual o mercador se investe no principal papel, assumindo a sua personalidade, e a sua imagem pública também, a mística de um cavaleiro andante, que é simultaneamente um aventureiro e um crente fervoroso, um negociante e um internacionalista.

A força e a dinâmica desta nova sociedade contrasta de tal modo com a tradicional e pachorrenta produção dos campos, e de tal modo a sua exuberância se faz sentir, que o Califado não pode deixar de personificar uma mentalidade expansionista, quer económica quer ideologicamente. Em breve os exércitos se organizam e penetram em África cheios de força, arrastando consigo os Berberes do litoral norte para a mesma solução económica já que eles, tal como os Árabes, sentiam há muito o isolamento do Saara e o vazio religioso de uma vida de pilhagem no vale do Nilo e no litoral mediterrânico, para a qual não encontravam um substituível ideário económico. Todo o Norte d'África admite a presença árabe e passa imediatamente a desejá-la.

POESIA

Eco do pranto

Não me digas
Que essa é a voz de uma criança.
Não...
A voz da criança
É suave e mansa
É uma voz que dança...
Não me digas
Que essa é a voz de uma criança
Parece mais
Um grito sem esperança,
Um eco
Partindo do fundo de um beco.

Não me digas
Que essa é a voz de uma criança,
Essa é doce e mansa
É uma voz que dança...
Esta parece mais
Um grito sufocado sob um manto
— O eco do Pranto.

Agnelo Regalla

Esperança renovada

Nesta esperança renovada
De um dia sem lágrimas,
Beijarei esses teus lábios
Cor dos meus sonhos
E suspirarei fundo
O desejo de um novo mundo.
No teu sorriso renovado
De criança flor da luta,
Beberei a inspiração
De uma madrugada nova
Em que o sol desponte
Na colina dos teus seios
Em raios violentos
De fraternidade e amor.

Nesta esperança renovada
De um amanhã diferente,
Que esse teu olhar quente
Vislumbre do alto de um zigurate,
Um jardim suspenso
Em que as crianças
De todas as raças,
Filhas do Homem
Confraternizam num mundo
Sem fome...
Sem medo...
E em que o Homem
Não seja mais...
O lobo do Homem.

Agnelo Regalla

Se um dia...

Se um dia
De teus lábios suaves
O sorriso lentamente se apagasse,
E a tua voz que me afaga
Morresse silenciosa
Qual voo de um pássaro
No horizonte,
Se de teus olhos amêndoa
Nascesse uma só lágrima
De tristeza
Rolando em teu rosto
De menino da savana
A revolta contida em meus braços
Apunhalaria
O mais profundo das entranhas
Do racismo mascarado
E da sua morte
Nasceria uma flor
Em madrugada de sereno
Que tuas mãos colheriam
No gesto simples
De me acarinhares.

Agnelo Regalla

O continente azul

Desde tempos remotos que os oceanos — o chamado «continente azul» da Terra — representa para o homem um meio estranho e proibido, quando não severo e hostil. A sua área total é de cerca de 365 milhões de quilómetros quadrados enquanto a Terra tem apenas de 148 milhões, dos quais 15 estão cobertos por gelos perpétuos, que deslizam continuamente para o oceano.

As suas águas possuem um volume total de mais de 1 350 000 quilómetros cúbicos, ao passo que o da Terra que se ergue acima do nível do mar não constitui mais do que 1/18 desse volume. Se a superfície da Terra fosse absolutamente lisa o oceano cobri-la-ia com uma camada de água de cerca de 2 mil e 700 metros de altura.

Parte considerável da energia solar que chega ao planeta é absorvida

pelos mares. A temperatura das suas águas varia entre 2 graus centígrados negativos e 36 positivos. A energia desenvolvida pelas marés equivale a 70 mil trilhões de kw/hora.

A pressão atmosférica aumenta aproximadamente um quilo por cada centímetro quadrado, de dez em dez metros de profundidade. A mil metros abaixo da superfície do oceano, essa pressão é da ordem das 100 atmosferas. Ao efectuarem-se investigações no fundo da Fossa das Marianas, a pressão ultrapassou as 1 100 atmosferas — o que equivale ao peso de dois porta-aviões e meio.

DESVENDAR MISTÉRIOS

Os homens navegaram por mares e oceanos, descobriram novas terras, foram à Lua, enviaram aparelhos cósmicos que penetram cada

vez longe nas profundezas do espaço, perfuram poços na crosta terrestre que descem a mais de dez quilómetros.

Contudo, até há bem pouco tempo, o homem nem sequer sonhava em penetrar abaixo da superfície do oceano. Segundo os dados da ONU, apenas 5 por cento do fundo oceânico foi estudado.

Todos reconhecem porém que a exploração do «continente azul» tem tanta importância como a conquista das profundezas dos cosmos, o controle da energia termonuclear ou o desvendamento dos mistérios das proteínas.

O oceano guarda, com efeito, muitos segredos. Os investigadores pensam que muitos dos problemas com que a ciência se debate actualmente aguardam aqui a sua solução. Mas, por muito numerosos que sejam os dados já obtidos, a partir de navios, apa-

relhos submarinos ou mesmo satélites, continua a ser insuficiente a quantidade de informações acerca do oceano mundial e da atmosfera situada acima dele.

PARTE NÃO PROPORCIONAL

Por tudo isto, não é de estranhar que a parte das riquezas oceânicas na economia mundial não ultrapassa os 3 ou 4 por cento do produto global. Em 1975, a contribuição dada pela economia marítima à mundial foi, de acordo com a ONU, de cerca de 110 a 120 mil milhões de dólares, incluindo aqui os 60-70 mil milhões de dólares que cabem à indústria de extracção (90 por cento dos quais assegurados pelo gás e o petróleo), os 40 mil milhões provenientes da navegação (preço de transporte) e os 10 milhões da indústria pesqueira.

(NOVOSTI)

Micróbios povoam o nosso organismo

O nosso organismo, e em particular o tubo digestivo, está povoado por uma multidão de micróbios, muitos deles poucos desejáveis. E se estes não se manifestam é somente porque no meio se encontram micróbios que nos defendem.

Os intestinos possuem a microflora mais rica de todo o corpo humano. No seu estado normal esta contém, sobretudo lactobacilos e bacilos intestinais e muitos poucos micróbios de putrefacção. As duas primeiras categorias de micróbios efectuam um trabalho importante: produzem fermentos, ajudam a digestão e produzem vitaminas, impedindo a actividade dos micróbios de putrefacção. E, sobretudo, impedem a reprodução de agentes de doenças infecciosas. Mas, a flora intestinal é particularmente sensível às acções desfavoráveis. Suponhamos que uma pessoa é atingida subitamente por uma diarreia, febre ou intoxicação alimentar. O equilíbrio biológico da flora intestinal pode então ser destruído. Chama-se a isso lesbacterose.

A absorção incontrollada de antibióticos pode ser uma outra causa desta doença. Um doente pode ingerir-los pelas razões mais diversas mas os intestinos são os grandes afectados. Ao medicar-se, o doente esquece-se que o antibiótico não só vai matar os micróbios nocivos como também os benéficos.

Por isso deve ser o médico a prescrevê-lo. Este terá em conta os aspectos secundários e reduzi-los-á ao mínimo.

Nem sempre é fácil diagnosticar a desbacterose. Normalmente é acompanhada por doenças intestinais crónicas hipoacidez e constipação crónica.

Só as análises bacteriológicas podem revelar as modificações sofridas na microflora.

O tratamento é prolongado e, muitas vezes, nem os medicamentos nem a alimentação resolvem o problema. A via mais segura consiste em repovoar o intestino dos seus habitantes e defensores naturais.

No fim do século passado o biólogo russo Ivan Metchnikov propôs coalhar o leite por meio de lacto-bacilos que, segundo ele, impediriam a multiplicação de bactérias de putrefacção. A ideia de um antagonismo entre micróbios ajudou os cientistas na investigação de medicamentos capazes de permitirem a restituição da microflora intestinal. Actualmente, a indústria farmacêutica produz em quantidade produtos biológicos deste tipo, medicamentos à base de bactérias desidratadas mas vivas que se instalam no intestino e, impedem o desenvolvimento de micróbios indesejáveis.

O tratamento à base de bactérias é bastante prolongado. Deve manter-se até ao momento em que a flora intesti-

nal se restabelece.

Se acontece o doente ter uma infecção, como por exemplo anginas, o problema pode reaparecer. Por isso, o médico prescreve por vezes um novo tratamento por

mais seis meses. Os estudos realizados sobre a desbacteriose são relativamente recentes e a maioria das pessoas está ainda longe de ter consciência das consequências desta doença.

Para a revista Time O "homem do ano" é um computador

Para a revista americana «Time», o «Homem do Ano 1982» é o computador individual. Pela primeira vez em cinquenta e seis anos, a «Time» preferiu a máquina ao homem numa grande causa.

«Chegou a «Revolução da Informação», escreve o semanário no seu último número. «A paixão dos americanos pelo computador sucedeu ao seu amor pelos automóveis ou pelos seus receptores de televisão».

Uma especialista da indústria do computador considera, segundo a mesma fonte, que mais de cem fabricantes terão vendido 2,8 milhões de máquinas destas no valor de 4 900 milhões de dólares em 1982 (em 1980 foram vendidas 724 000 unidades).

A «Time» publica igualmente uma sondagem revelando que 80 por cento dos americanos pensam que o computador se tornará muito em breve tão vulgar nas habitações como a televisão ou a máquina de lavar a loiça. 67 por cento das pessoas interrogadas pensam que a revolução informática melhorará o seu modo de vida, e 68 por cento pensam que a educação dos filhos ganhará com isso.

«A América e o mundo não voltarão a ser o que eram», escreve a «Time» a propósito do computador individual. Alguns especialistas citados pelo semanário, predizem que a máquina aumentará o fosso entre os países ricos e países pobres. Outros pensam que, ao contrário, a vulgarização da informação permitirá ao Terceiro Mundo alcançar por um atalho o caminho do desenvolvimento, «saltando» por cima do longo período da revolução industrial.

Projecto energético na África Austral

A ampliação do posto de transformação de Mutare, na fronteira entre o Zimbabué e Moçambique, deu início à realização de um projecto da Conferência de Coordenação do Desenvolvimento na África do Sul (S.A.D.C.C.).

O aumento da rede de interconexão energética entre os dois países é um dos primeiros projectos da cooperação económica dos Estados vizinhos da África do Sul no quadro da SADCC.

A região à volta da cidade de Mutare na fronteira Este do Zimbabué é abastecida em electricidade a partir da barragem de Kariba. As necessidades crescentes de energia deverão ser brevemente satisfeitas pelo fornecimento proveniente da província moçambicana de Manica, situada apenas a 60 quilómetros da fronteira.

Já existe uma ligação entre esta província e Mutare onde apenas a insuficiente capacidade de transformação impede o abastecimento em energia.

Numa segunda etapa, depois de 1985, a região fronteiriça do Zimbabué receberá também corrente da central eléctrica de Cabora Bassa, na província moçambicana de Tete.

Não-Alinhados: A preocupação do desarmamento



Indira Gandhi, Primeiro-Ministro da Índia e novo presidente do Movimento Não-Alinhado

A sétima cimeira dos países Não-Alinhados, reunida desde segunda-feira em Nova-Deli, pedirá a proibição imediata da utilização ou da ameaça com armas nucleares.

Um porta-voz da cimeira, que reúne uma centena de países do chamado Terceiro Mundo, indicou que a conferência vai sugerir também um congelamento da produção, desenvolvimento, armazenamento de armas nucleares. Precisou que a inquietação dos dirigentes dos países Não-Alinhados será afirmada numa declaração final da cimeira, no capítulo «desarmamento, sobrevivência e coexistência na era nuclear», elaborado pelo comité político da

conferência, e que os chefes de Estado e de governo discutiram anteriormente.

Este texto reafirma a convicção dos 101 países membros do Movimento Não-Alinhado de que a paz e a segurança internacionais passam unicamente pelo desarmamento total, em particular no que respeita às armas nucleares, que se deve efectuar sob um controlo internacional efectivo.

Uma freira presa na África do Sul

Uma religiosa católica, presa na sexta-feira passada pela polícia racista sul-africana, compareceu na segunda-feira perante o tribunal de Krugersdorp, perto de Johannesburg, acusada de apoiar o Congresso Nacional (ANC), movimento que luta pela libertação da África do Sul.

Segundo a imprensa, a irmã Marie Bernard, de 43 anos, foi detida após uma busca policial no convento onde reside.

Por outro lado, três pessoas foram também presas após uma rusga realizada na sexta-feira de madrugada nos arredores de Kagiso, em Krugersdorp. Segundo o marido de uma das pessoas detidas, a polícia de segurança exigiu que a sua esposa entregasse bandeiras escondidas do ANC.

Tchad: Derrota das forças de Hissene Habre no norte

Os responsáveis do antigo Governo da União Nacional de Transição do Tchad (GUNT) anunciaram na segunda-feira que a localidade de Ounianga Kebir, situada no extremo norte do país, a 200 quilómetros de Faya-Largeau, foi capturada na semana passada pelos seus combatentes.

Entretanto, fonte diplomática africana em Paris indicou que esta localidade teria sido evacuada sem combate pelas forças de Hissene Habre, antes de ser ocupada pelas tropas do GUNT.

A mesma fonte precisou que a evacuação desta localidade obedeceu as razões tácticas. A guarnição de

Ounianga Kebir encontrava-se isolada a seguir ao fracasso de duas tentativas das forças de N'Djamena, em Dezembro e Fevereiro últimos, para retomar Gouro em poder do GUNT, a uns 200 quilómetros mais a oeste.

Segundo o GUNT, durante os combates de Gouro, os assaltantes sofreram muitas perdas em homens e materiais, além disso 200 foram capturados. Os partidários de Goukouni Wedeye reivindicaram também vitórias em Maro, sueste do Tchad. O dr. Facho Balam, antigo ministro do GUNT, afirmou durante a sua passagem por Cotonu que as forças sob as ordens do ex-presidente

Wedeye eram compostas unicamente por tchadianos, enquadrados pelo general Djogo, que foi chefe de estado maior das Forças Armadas Tchadianas do presidente Felix Maloum (1975-1979).

Balam disse ainda que as tropas do G.U.N.T. estavam presentes no interior do Tchad, em Guerra (centro), em Ouaddai e no Chari-Baguirmi, ao sul de N'Djamena. «Temos bolsas de resistência a partir das quais vamos realizando operações de desgaste. Estas acções obrigam as Forças Armadas do Norte (de Hissene Habre) a escoltar os comboios civis», acrescentou Facho Balam.

Espanha: Nacionalização da maior sociedade económica

O Congresso espanhol de deputados aprovou na semana passada o decreto-lei do governo sobre a expropriação dos bancos e das empresas do grupo «Rumasa», decididas dias antes em Conselho de ministros.

Votaram a favor do decreto-lei 196 deputados e 123 contra. Dois deputados abstiveram-se. A favor do decreto-lei votaram os deputados socialistas, os comunistas e minoria basca.

Primeiro grupo empresarial de Espanha, «Rumasa» é um autêntico império económico. Dono de 18 bancos e de 400 empresas que abrangem diversos ramos de actividades como grandes armazéns, cadeias de hotéis, seguradoras, este «holding» emprega 60 mil trabalhadores.

Esta medida do governo espanhol foi adoptada de surpresa. O porta-voz oficial, o jornalista Eduardo Sotillos, declarou que

o Conselho de Ministros aprovou um decreto-lei de expropriação de bancos e de outras sociedades do grupo Rumasa, a fim de garantir plenamente os depósitos nos bancos, os postos de trabalho e os direitos patrimoniais, que considerou «gravemente ameaçados».

Constituindo quase um Estado dentro do Estado, o grupo «Rumasa» era suspeito de irregularidades no pagamento de impostos, saída de divisas, transferências de capitais e no pagamento à segurança social.

A expropriação de «Rumasa» foi a primeira medida de nacionalização do actual governo espanhol, chefiada por Felipe Gonzalez, líder do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). No entanto, os observadores definem esta medida como uma nacionalização defensiva.

A decisão registou-se no momento de uma polémica entre

o grupo «Rumasa» e o governo, a seguir a declarações do ministro da Economia e das Finanças, Miguel Boyer, que ameaçava enviar inspectores do Banco de Espanha verificar as contas de todas as empresas do grupo se os dirigentes da Rumasa impedirem a sociedade norte-americana Arthur Andersen de concluir a auditoria que iniciou no ano passado a pedido das autoridades espanholas.

Bastante criticada nos meios privados espanhóis, a nacionalização do grupo «Rumasa» foi qualificada pelo influente jornal «El País» de «uma decisão discutível, mas corajosa. «Tão corajosa que, se não a conseguir explicar, o gabinete de Gonzalez terá lançado a semente do descrédito e da desconfiança empresarial maior que se recorda na recente, e não tão recente, história económica deste país». salientou o jornal.

FRETILIN

MAPUTO — Os guerrilheiros da Fretilin penetraram no fim de Janeiro em cinco vilas do Timor-Leste, na sequência de uma ofensiva contra as forças indonésias. Um relatório das forças combatentes da Fretilin, enviado para Maputo, indica que cerca de 2500 guerrilheiros estão envolvidos na ofensiva, desenhada em antecipação de outra que os indonésios estavam a preparar.

ENSINO

LAGOS — Mais cinco colégios técnicos começaram a funcionar este ano nos Estados nigerianos de Anambra, Bendel, Borno, Kano e Cross Rivers — anunciou o ministro da Educação da Nigéria, Sylvester Ugoh. O ministro precisou que a criação destes estabelecimentos faz parte dum novo programa governamental no domínio da Educação. Actualmente no país só há dois colégios deste género em Lagos e Bauchi.

COOPERATIVAS

ACCRA — Foi oficialmente declarada em Accra a criação da Federação ghanense de Cooperativas Agrícolas. A principal tarefa da nova organização é a luta pelo auto-abastecimento do Ghana em géneros alimentícios básicos, assim como a satisfação das necessidades da indústria nacional em matérias primas agrícolas.

METALURGIA

BRASÍLIA — Agrava-se a crise na economia do Brasil. Uma recessão profunda afecta a indústria metalúrgica, que em tempos assegurou ao país o primeiro lugar na América Latina quanto ao volume da produção. Actualmente, estão paradas quase 70 por cento das capacidades das fábricas metalúrgicas.

Aumentou em flecha o desemprego entre os trabalhadores deste sector. Perderam o emprego 18 mil metalúrgicos nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, que produzem 95 por cento de ferro fundido.

Terminou a Cimeira dos Não-Alinhados

A VII Cimeira dos Não-Alinhados, que vinha decorrendo desde segunda-feira em Nova Deli, capital de Índia, terminou ontem com a aprovação de uma declaração final contendo as principais medidas adoptadas pelas 96 delegações presentes aos trabalhos (a cadeira reservada a Kampuchea ficou vazia).

O acto inaugural, realizado na manhã de segunda-feira, foi marcado pela passagem da presidência da Conferência e do Movimento à Primeiro-Ministro da Índia, Indira Ghandi, pelo Presidente cessante, Fidel Castro, de Cuba, seguido do ciclo de intervenções pelos chefes das delegações.

A agenda de trabalhos, preparada por cerca de 500 peritos, cuja reunião antecedeu a dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, incide sobre questões políticas e económicas, havendo a destacar as relacionadas com o desarmamento e o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional entre os países ricos e pobres, o conflito iraque-iraniano, a situação no Afeganistão, no Médio Oriente e na América Central.

Segundo o nosso enviado especial, João Quintino Teixeira, a Conferência reuniu-se no palácio «Vighan Bha-va» (Casa do Espírito), situado no centro da metrópole indiana e rodeado de um forte aparato de segurança que inclui mais de sete mil policiais.

Tais medidas, que visam assegurar as cerca de quatro mil personalidades estrangeiras presentes na capital indiana, dificultaram, em grande parte, o trabalho de mais de 1500 jornalistas que a maioria das vezes limitaram a seguir os trabalhos pela televisão ou aos breves «briefing» no termo das duas sessões de manhã e à tarde.

ADOPTAR MEDIDAS ENÉRGICAS

Na sua intervenção, Indira Ghandi, que cingiu o essencial do seu discurso à situação económica precária do Terceiro Mundo, pediu que sejam adoptadas medidas enérgicas com o fim de democratizar o sistema internacional e estabelecer uma nova ordem económica internacional. A presidente dos Não-Alinhados propôs ainda a convocação de uma conferência internacional sobre os recursos monetários e financeiros, com vista a estabelecer os métodos tendentes a mobilizar os recursos financeiros e inverter a actual situação económica mundial.

Por seu turno, o líder cubano, Fidel Castro, ao fazer o balanço do seu mandato de três anos e meio afirmou que sem diminuir os esforços a favor da paz e a luta contínua pela independência e pelo desenvolvimento, foi necessário solicitar mais uma vez a atenção do Movimento para a tarefa urgente de «reconstruir a nossa unidade e de curar as nossas próprias feridas».

Aquando da reunião de Havana, prosseguiu ainda Fidel Castro, os participantes conheciam os perigos que ameaçavam a paz mundial e os ataques que sofriam «as vulneráveis economias» dos países subdesenvolvidos. «Porém — concluiu o Presidente cubano — não podíamos sequer imaginar que o panorama mundial ia-se tornar cada vez mais sombrio e que as perspectivas políticas e económicas do mundo tornar-se-iam mais arriscadas e amargas».

O CASO TIMOR-LESTE

O Presidente da OLP, Yasser Arafat, propôs, por seu turno, a criação de um comité presidido por Indira Ghandi e que teria como tarefa conseguir o restabelecimento da paz na Ásia, podendo ainda cooperar com os países árabes e outros organismos internacionais na busca de soluções para os conflitos no Médio Oriente e entre o Iraque e o Irão.

Entretanto, um outro problema candente, que segundo observadores não deveria constar na declaração final — o caso do Timor-Leste — foi levantado pelo Presidente Samora Machel, de Moçambique, no seu discurso no plenário, que o classificou de um «Vietname silencioso».

O assunto seria retomado posteriormente pelos chefes de Estado dos países de expressão oficial portuguesa, reunidos numa recepção oferecido pelo embaixador portu-

guês em sua residência e na qual estiveram presentes representantes do Brasil, Espanha, Suíça, Suécia e Áustria, na qualidade de países convidados, como é o caso de Portugal.

Face à situação, os cinco países teriam decidido apresentar uma moção ao plenário, propondo a inclusão do problema de Timor, no que contariam com o apoio de Cuba, Granada, Vietname e Nicarágua.

A MARGEM DA CONFERÊNCIA

O Presidente Nino Vieira manteve, à margem dos trabalhos da Cimeira, contactos informais com os seus homólogos de diversos países, com quem abordou problemas de actualidade e estudou as áreas para o estabelecimento ou o reforço da cooperação bilateral entre os nossos países.

Deste modo, Nino Vieira encontrou-se com o Presidente cubano Fidel Castro, com a Primeiro-Ministro da Índia, Indira Ghandi, com os presidentes do Paquistão, Zia Ul Haq, e do Bangladesh, General Ershad, e com o vice-Presidente do Iraque e o Primeiro-Ministro do Alto Volta.

Na escala técnica em Ryad, Arábia Saudita, o Presidente Nino Vieira, que viajava acompanhado do Chefe de Estado guineense, Sekou Touré, foi recebido pelo soberano saudita, que lhes brindou com um jantar de honra.

Médicos Cubanos

Com o objectivo de preparar a Conferência Internacional, «Saúde para todos no ano 2000», a ter lugar em Havana, de 3 a 9 de Julho do corrente ano, chegou ao nosso país uma delegação médica Cubana.

Ao ser recebido na passada quarta-feira no seu gabinete de trabalho pelo Camarada Primeiro-Ministro Víctor Saúde Maria, o embaixador da República de Cuba no nosso País, o camarada Armando Torres Contrail informou ao chefe do executivo da missão da delegação médica Cubana que é também a de se informar «in loco», das actividades dos médicos cubanos na nossa terra.

Drogas - Julgamento

Teve início ontem, no Tribunal Regional de Bissau, o julgamento de 14 indivíduos implicados na questão de drogas.

Os arguidos, acusados e pronunciados pelos crimes previstos pela lei, estão a ser julgados por um colectivo do tribunal, cujo presidente é o camarada Armando Cruz, Juiz de Direito.

Recorde-se que os 14 réus foram detidos em Janeiro último, acusados de consumo e tráfico de drogas.

Estatuto do funcionalismo

Uma comissão para a revisão do Estatuto do Funcionalismo foi criada por despacho do camarada Primeiro-Ministro, datada de 17 de Fevereiro último.

Chefiada pelo Ministro da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, camarada Cruz Pinto, a comissão tem como tarefa proceder aos estudos com vistas à revisão do Estatuto do Funcionalismo, devendo os trabalhos serem apresentados dentro de um prazo de 240 dias.

Segundo uma nota do MAIFPT enviada à nossa Redacção, o documento será então distribuído aos diferentes ministérios e secretarias de Estado «por forma a proporcionar a participação massiva de todos os trabalhadores na sua apreciação, discussão e posterior apresentação de sugestões que se lhe afigurem pertinentes avançar e que visem o seu eventual enriquecimento». O prazo concedido para o efeito é de 60 dias, improrrogável.

Amizade URSS - G. Bissau

Por ocasião de 8 de Março, dia Internacional da Mulher, a Associação de Amizade Guiné-Bissau/URSS homenageou as mulheres da Guiné-Bissau, na sexta-feira passada, com uma exposição fotográfica, oferta de livros e projecção de um filme soviético.

A exposição ilustrava o panorama actual na União Soviética, mostrando como o socialismo emancipou a mulher soviética, tanto na vida social, cultural, económica como ainda na vida política.

Antes da exibição do filme, a professora da língua russa, Margarida Socolóva, leu uma mensagem de felicitação às nossas mulheres.

Novo centro da «zona-1» em Bula

Com a ajuda financeira do Governo sueco num montante de 15 milhões de coroas para 1983, o Programa de Desenvolvimento Rural Integrado da «Zona-1», vai dispor este ano, de um novo centro administrativo em Bula. Na quarta-feira passada, o engenheiro Mustafá Cassamá, director dos Serviços de Agricultura do MDR, procedeu ao lançamento da primeira pedra.

Nessa cerimónia, estiveram presentes, o eng. Jorge Oliveira, director da «Zona-1» e o camarada Malam Bai, presidente do Comité de Sector da SIDA (organismo financiador), assistiu ao acto a senhora Ann-Charlotte da Suécia e representante da SIDA.

Por absoluta falta de espaço, contamos dar mais informação a este respeito no próximo número.

FICHA TÉCNICA - JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 184 - BISSAU

DIRECTOR: António Soares; CHEFE DE REDACÇÃO EM EXERCÍCIO: João Quintino

REDACÇÃO: António Alves, António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Morgado, Cristóvão Mango, Faustino Góia, Fernando Jorge, Fernando Ferdigão, José Tchalles, Pedro Albino, Simão Abina. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Gá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idal Miranda, Ivete Moutão.